

Simpósio Temático 6

Gisely Nogueira Barreto
Universidade do Estado da Bahia

Título da Comunicação: Nos Caminhos Do Campo Às Águas Do Porto: O Vai E Vém Dos Escravos Entre O Mundo Rural E Urbano Na Villa De Nossa Senhora De Nazareth- 1831-1850

RESUMO: A presente pesquisa é uma contribuição para pensar numa região do Recôncavo que, apesar de já contar com algumas pesquisas, ainda é carente de estudo. Busca apresentar ao leitor, através principalmente da demografia histórica, porém sem descartar outras possibilidades metodológicas, o cotidiano e as experiências de homens e mulheres escravos, que circulavam entre o mundo rural e urbano da Villa de Nossa Senhora de Nazareth, no período de 1831 a 1850. Dentre as várias fontes registradas no Arquivo Público do Estado da Bahia (APEBa), foram utilizados inventários, periódicos e correspondência de juízes. Os dados já coletados dos Inventários permitiram contabilizar a presença de homens, mulheres e crianças, bem como identificar a nação/etnia a que pertenciam – no caso dos africanos –, o estado de saúde deles e o ofício que desempenhavam na Villa. Nazareth era uma Villa portuária, produtora de bens de consumo e de exportação. Com uma escravaria nascida no Brasil e desembarcada de vários portos da África era recheada por escravizados de lavoura e cativos que ocupavam vários ofícios urbanos, como as lavadeiras, costureiras, ganadeiras, farinheiros, domésticos, padeiros, oficiais de carpina, oleiros e algumas ocupações referentes ao transporte fluvial, mestre de barco, jangadeira e remador. O porto fervilhava com a ida de pessoas e produtos para as diversas regiões e a vinda de indivíduos para as feiras que aconteciam durante a semana em Nazareth para comercializar a farinha de mandioca e outros produtos. Havia, portanto uma visível interlocução entre o campo e a sede e possivelmente com várias outras cidades e povoados circunvizinhos, inclusive a capital Salvador. É possível que muitos escravos africanos especializados tenham trazido o conhecimento do ofício da sua terra natal, uma vez que os africanos escravizados foram retirados do interior de diferentes grupos linguísticos e étnicos de diversas regiões e sociedades africanas, trazendo consigo crenças e valores que seriam reinventadas aqui no Brasil, mas a escravidão experimentada por eles na África não seria a mesma do outro lado do Atlântico, embora apresentasse algumas características semelhantes. Sujeitos de cor/etnia e condições jurídicas diversas, senhores, libertos escravizados homens e mulheres, sejam eles nascidos no Brasil ou desembarcados de portos da África estiveram envolvidos por redes de sociabilidades, sentimentos e interesses coletivos ou individuais. Os escravizados tentavam conquistar um espaço na sociedade em que estavam inseridas, buscavam também, ser tratados como seres humanos que possuíam sentimentos, cultura e uma mentalidade própria. Traçar um perfil populacional para a então Vila de Nazareth e emaranhar-se nas trajetórias de homens e mulheres que viveram e sentiram o peso da escravidão será relevante para discutir as diferentes formas de trabalho no cotidiano escravo, num cenário onde africanos e nascidos no Brasil conviviam lado a lado.